

## CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS E PRÁXIS CAMPONESA E OPERÁRIA NA RECONFIGURAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DO LEITE<sup>1</sup>

Juliana Ferreira de Sousa<sup>2</sup>

### Resumo

O objetivo deste trabalho é compreender os processos de construção do conhecimento de agricultores camponeses e trabalhadores da cadeia produtiva leiteira de São Francisco do Brejão/MA, a partir da práxis e de suas contradições. As reflexões decorrem de uma pesquisa de mestrado, desenvolvida por meio da observação participante, do diário de campo e de entrevistas abertas. Parte-se do entendimento de que, embora a práxis constitua um espaço fundamental de formação, ela é atravessada por contradições sociais e laborais, marcadas por relações produtivas e de trabalho desiguais.

**Palavras-chave:** Práxis; Agricultores Camponeses; Construção de Conhecimento; Trabalhadores Rurais.

## CONSTRUCCIÓN DE CONOCIMIENTOS Y PRAXIS CAMPESINA Y OBRERA EN LA RECONFIGURACIÓN DE LA CADENA PRODUCTIVA DE LA LECHE

### Resumen

El objetivo de este trabajo es comprender los procesos de construcción del conocimiento de agricultores campesinos y trabajadores de la cadena productiva lechera de São Francisco do Brejão/MA, a partir de la praxis y sus contradicciones. Las reflexiones se derivan de una investigación de maestría, desarrollada mediante la observación participante, el diario de campo y entrevistas abiertas. Se parte del entendimiento de que, aunque la praxis constituye un espacio fundamental de formación, está atravesada por contradicciones sociales y laborales, marcadas por relaciones productivas y de trabajo desiguales.

**Palabra-clave:** Práxis; Agricultores campesinos; Construcción del conocimiento; Trabajadores rurales.

## KNOWLEDGE CONSTRUCTION AND PEASANT AND WORKING-CLASS PRAXIS IN THE RECONFIGURATION OF THE DAIRY PRODUCTION CHAIN

### Abstract

The objective of this study is to understand the processes of knowledge construction among peasant farmers and workers in the dairy production chain of São Francisco do Brejão/MA, based on praxis and its contradictions. The reflections derive from a master's research project developed through participant observation, field journals, and open interviews. It is assumed that, although praxis constitutes a fundamental space for formation, it is crossed by social and labor contradictions, marked by unequal productive and working relations.

**Keyword:** Praxis; Peasant Farmers; Knowledge Construction; Rural Workers.

---

<sup>1</sup> Recebi Artigo recebido em 10/06/2025. Aprovado em 22/03/2026. Publicado em 22/04/2026.

DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v24i53.68151>

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Pesquisadora do Coletivo de Estudos Marxismo e Educação (COLEMARX/UFRJ). Bolsista do Programa de Excelência Acadêmica (PROEX/CAPES). E-mail: [ferreira.juliana.sd@gmail.com](mailto:ferreira.juliana.sd@gmail.com).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2354805659593963>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6840-3760>

## Introdução

A diminuição das práticas agrícolas no campo maranhense ocorreu de forma articulada ao avanço do crédito rural voltado à pecuária, especialmente à criação de gado. Na região da Microrregião Homogênea de Imperatriz (MRH), esse processo foi inicialmente viabilizado por meio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) e, posteriormente, recebeu também incentivos do Banco do Nordeste (BNB). Essas políticas contribuíram para reorganização produtiva do espaço rural, favorecendo a consolidação da atividade pecuarista em detrimento de outras práticas agrícolas historicamente desenvolvidas no território. Carneiro (2022, p. 106) chama a atenção para esse cenário ao afirmar que:

[...] a atuação do Banco do Nordeste (BNB) no financiamento de atividades rurais chegou a 58% do total dos investimentos da instituição financeira entre 1976 e 2004 foram destinados à atividade pecuarista e alocados principalmente no Maranhão.

Os incentivos provenientes do crédito rural foram fundamentais para o fortalecimento da pecuária familiar no Nordeste, especialmente na microrregião de Imperatriz, que passou por um processo de reestruturação produtiva. Nesse contexto, a produção leiteira assumiu papel central na dinâmica econômica regional. Neto e Carneiro (2019) destacam que a maior parte da produção de leite do Maranhão está concentrada na região de Imperatriz, onde aproximadamente 48% da produção estadual se localiza. Consequentemente, a região também abriga o maior número de indústrias de laticínios do estado, com cerca de 32 unidades registradas nos sistemas de Inspeção Federal (SIF) ou no Sistema de Inspeção Estadual (SIE), sendo 22 localizadas na microrregião.

De acordo com os dados do último Censo Agropecuário do IBGE, os estabelecimentos classificados como pertencentes à agricultura familiar responderam, em 2017, por 55,51% do leite produzido, por 56,02% do número de vacas ordenhadas e por 74,22% do número de estabelecimentos com produção de leite de vaca na microrregião de Imperatriz (Tabela 02). A agricultura de grande porte, considerada aqui com agricultura não familiar, teve participação com 44,39% do leite produzido, 43,98% das vacas ordenhadas e 25,78% do número de estabelecimentos (Carneiro, 2022, p. 107-108).

O município de São Francisco do Brejão integra a Microrregião de Imperatriz, insere-se diretamente nesse processo de transformação produtiva. Sousa (2019)

destaca que o município é reconhecido por sua expressiva produção leiteira, sendo considerado uma das principais bacias leiteiras do estado do Maranhão. Segundo dados do IBGE (2020), em 2020 foram produzidos 9.795.000 litros de leite, com valor de produção de R\$ 9.901.000,00.

Nesse contexto de expansão da atividade leiteira, marcada por intensas mudanças organizacionais, tecnológicas e normativas — sobretudo no que se refere às exigências de certificação e padronização sanitária —, observam-se impactos que caem de forma mais severa sobre os agricultores camponeses<sup>3</sup> e os trabalhadores inseridos na cadeia produtiva.

Na realidade investigada, foi possível identificar um movimento de contradição relacionado à categoria trabalho, uma vez que, ao longo da pesquisa, acompanhou-se um processo formativo em curso, no qual os sujeitos constroem saberes a partir da própria experiência produtiva. Esse processo manifesta-se tanto nas relações familiares de produção dos agricultores camponeses, quanto nas relações de trabalho na cadeia produtiva leiteira.

Mesmo diante de contextos marcados pela precarização, esses sujeitos produzem conhecimentos que se expressam nas práticas cotidianas relacionadas ao manejo animal, ao cuidado com a terra, à qualidade do leite e ao beneficiamento do produto. Trata-se de saberes construídos no fazer, na experimentação e na vivência concreta do trabalho, configurando-se como uma expressão da práxis camponesa e operária. É por meio dessa construção prática do conhecimento que esses sujeitos asseguram sua permanência na cadeia produtiva leiteira local.

Contudo, torna-se fundamental problematizar em que medida esses saberes, produzidos historicamente no interior da práxis, permanecem válidos na conjuntura atual, marcada por processos de reconfiguração da cadeia leiteira. Esse movimento é impulsionado, sobretudo, pela implementação de normas técnicas de padronização em nível nacional, como a Instrução Normativa 51 (IN/51)<sup>4</sup> que estabelece critérios

---

<sup>3</sup> É importante destacar que o campesinato, neste contexto, não é tratado aqui como uma definição simples, mas como uma construção histórica ligada às lutas políticas e aos conflitos de classe. Não se limita a uma classe ou a um espaço geográfico, mas se relaciona com um lugar social e com um destino histórico. Por isso, é primordial a utilização do termo agricultores camponês para nos referirmos aos proprietários de pequenas fazendas que fazem parte da cadeia produtiva leiteira em São Francisco do Brejão/MA.

<sup>4</sup> Instrução Normativa (IN) 51/2002 do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), que sugere uma série de exigências quanto à produção de leite no Brasil; exigências que dizem respeito aos procedimentos de ordenha do leite nas propriedades rurais, as condições de sua refrigeração e o transporte do leite até a indústria.

sanitários para a produção de leite, e a Instrução Normativa 62 (IN/62)<sup>5</sup>, criada posteriormente para ajustes e complementações da normativa anterior.

Diante desse cenário, este artigo propõe refletir sobre os entrelaçamentos entre as categorias, educação e práxis, buscando compreender a dinâmica de construção do conhecimento na realidade da cadeia produtiva leiteira de São Francisco do Brejão. Parte-se do entendimento de que o conhecimento não é produzido apenas em espaços formais de formação, mas emergem, sobretudo, da experiência concreta dos sujeitos em seu cotidiano de trabalho.

Para aprender essa dinâmica, foi necessária uma aproximação sistemática da cadeia produtiva, dos agricultores camponeses e dos trabalhadores. Nesse percurso, foram utilizados procedimentos metodológicos como a observação participante, entrevistas abertas e o diário de campo.

A observação participante foi compreendida como uma estratégia de pesquisa de base etnografia, caracterizada pela inserção do pesquisador no cotidiano dos sujeitos investigados, possibilitando um contato direto, próximo e contínuo com a realidade estudada. Nessa abordagem, os participantes são reconhecidos como sujeitos ativos do processo de pesquisa, capazes de influenciar e colaborar com a produção do conhecimento, (Silva; Souza; Freire, 2023).

As entrevistas abertas foram empregadas como instrumentos para a obtenção de informações aprofundadas sobre os contextos investigados, permitindo que os entrevistados desenvolvessem livremente suas narrativas, percepções e experiências (Minayo, 1993).

O diário de campo, por sua vez, constituiu-se como um recurso fundamental de registro e reflexão, possibilitando ao pesquisador sistematizar impressões, sentimentos, observações e interpretações construídas ao longo do trabalho empírico. Trata-se de um instrumento marcado por seu caráter subjetivo introspectivo, que contribui para a compreensão dos sentidos atribuídos pelos sujeitos às situações vividas (Macedo, 2010).

Ao longo da pesquisa, houve a intenção de entrevistar representantes de todos os segmentos da cadeia produtiva. No entanto, houve resistência, sobretudo por parte

---

<sup>5</sup> Instrução Normativa (IN) 62/2011 do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), que regulamenta a ação técnica de produção, identidade e qualidade do leite tipo A, o regulamento técnico de identidade e qualidade de leite cru refrigerado, o regulamento técnico de identidade e qualidade de leite pasteurizado e o regulamento técnico da coleta de leite cru refrigerado e seu transporte a granel.

dos trabalhadores do setor de transporte, que se mostraram pouco dispostos a participar. Dessa forma, as entrevistas concentraram-se nas pequenas propriedades e nos laticínios.

A proposta inicial previa a realização de até três entrevistas em cada setor, o que não pôde ser plenamente viabilizado em razão da recusa de alguns agricultores camponeses e da baixa adesão de determinados trabalhadores<sup>6</sup>. Ao final, foram realizadas cinco entrevistas<sup>7</sup>, duas em propriedades rurais e três em laticínios. As conversas foram gravadas, mediante autorização dos participantes, e posteriormente transcritas para análise<sup>8</sup>.

A partir desse percurso teórico-metodológico, o artigo organiza-se em uma discussão sobre as categorias práxis e trabalho, seguida de uma seção dedicada à construção do conhecimento a partir da práxis, com as subseções Agricultores Camponeses e Trabalhadores de Laticínio, e, por fim, uma seção intitulada A construção do Conhecimento a partir da Práxis: Reflexões e Percepções, na qual se sistematizam as principais percepções da pesquisa.

Busca-se, assim, contribuir para o debate acerca das transformações no campo maranhense, evidenciando como, mesmo em contextos marcados por assimetrias, padronizações e formas de exploração, os trabalhadores e agricultores seguem produzindo saberes, ressignificando suas práticas e elaborando estratégias de permanência e resistência no interior da cadeia produtiva leiteira.

## **Práxis e Trabalho**

Os processos que constituem o ser social são fundamentais para a compreensão do desenvolvimento formativo dos sujeitos, pois é nesse movimento que se dá o salto ontológico do humano enquanto ser social. Tal transformação encontra

---

<sup>6</sup> O processo de realização das entrevistas foi marcado por dificuldades, especialmente em função da colaboração limitada de parte dos trabalhadores, que não se colocaram à disposição para participar fora do ambiente da fábrica, bem como pela impossibilidade de acesso a determinados segmentos, como o de transporte. Esses posicionamentos expressam um contexto atravessado pela insegurança e pelo receio, relacionados ao medo de perder o emprego e à desconfiança em relação à presença de uma pessoa externa realizando questionamentos, seja no local de trabalho ou fora dele. Nesse sentido, o medo e a instabilidade das condições de trabalho configuraram-se como fatores centrais para a baixa participação de parte dos sujeitos na pesquisa.

<sup>7</sup> É importante destacar que essa pesquisa passou pelos trâmites éticos a partir do cadastro na Plataforma Brasil e possui o número de identificação **CAAE**: 60406922.2.0000.5582.

<sup>8</sup> É importante evidenciar que as devidas autorizações foram permitidas por escrito através do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE).

no trabalho uma das suas mediações, uma vez que é por meio dele que os indivíduos produzem a própria existência e, simultaneamente, a si mesmos como sujeitos históricos. Nesse sentido, como afirma Lukács (1978, p. 06), “com o trabalho, portanto, dá-se ao mesmo tempo – ontologicamente – a possibilidade do seu desenvolvimento superior, do desenvolvimento dos homens que trabalham.” Assim compreende-se que o trabalho não apenas garante a reprodução material da vida, mas também impulsiona o processo formativo e o desenvolvimento humano em suas múltiplas dimensões.

De modo geral, a perspectiva marxista compreende a categoria trabalho como elemento central na transição das formas pré-humanas para a sociabilidade humana. Assim, entende-se que "o trabalho tem, portanto, quer em sua gênese, quer em seu desenvolvimento, em seu ir-sendo e em seu vir-a-ser, uma intenção ontologicamente voltada para o processo de humanização do ser humano em seu sentido amplo," (Antunes, 2009, p. 142).

No entanto, para outros pensadores marxianos, como Luckács (1978), Vázquez (2007) e Barata-Moura (1978), a centralidade exclusiva atribuída à categoria não é suficiente para apreender, de forma plena, os múltiplos elementos envolvidos na consolidação da sociabilidade humana. Nesse sentido, a práxis<sup>9</sup> é apresentada como uma categoria complementar, capaz de ampliar a compreensão do processo de transição ontológica dos sujeitos, ao incorporar dimensões que extrapolam o âmbito estritamente produtivo. As contribuições desses autores serão retomadas e aprofundadas ao longo do texto, orientando a análise aqui desenvolvida.

Neste trabalho, a categoria da práxis é destacada com o intuito de ampliar a compreensão de seu significado em uma perspectiva mais abrangente. Aqui, ela é valorizada por seu caráter integrador, ao englobar distintas formas de atividades transformadoras que não se limitam exclusivamente à categoria trabalho. A proposta reflexiva aqui não é negar a importância do trabalho como elemento fundamental para a formação humana transformadora, mas sim evidenciar que ele não constitui o único caminho possível para tal processo. Na práxis, é possível reconhecer múltiplas dimensões da ação humana que produzem efeitos concretos na realidade e

---

<sup>9</sup> O termo práxis é entendido aqui a partir da elaboração de um conceito filosófico da atividade prática precisa liberta-se deste significado que quase sempre vem associado na linguagem corrente aos vocábulos “prática” ou “prático.” Por isso, decidimos empregar o termo “práxis” que, ainda que etimologicamente aparentado com o vocábulo “prática”, não envolve forçosamente as conexões semânticas que apontamos antes (Vázquez, 2007, p. 28 apud Sousa Junior, 2021, p. 20).

contribuem para a constituição do ser social, “o trabalho, assim como a luta de classes, a atividade política, a formação de condições de vida e de trabalho socialistas e outras atividades” (Barata-Moura, 1978, p. 252 apud Sousa Junior, 2021, p. 36):

A práxis compreende – além do momento laborativo – também o momento existencial: ela se manifesta tanto na atividade objetiva do homem, que transforma a natureza e marca com sentido humano os materiais naturais, como na formação da subjetividade humana, na qual os momentos existenciais como a angústia, a náusea, o medo, a alegria, o riso, a esperança, etc., não se apresentam como ‘experiência’ passiva, mas como parte da luta pelo reconhecimento, isto é, do processo da realização da liberdade humana (Kosik, 1995, p. 224 apud Sousa Junior, 2021, p. 36).

Os autores ressaltam que o “momento laborativo”, vinculado ao trabalho, está inserido na própria práxis. Assim, essa práxis integra o processo de transgressão produtiva, atuando como elemento do movimento de transformação totalizante do ser social e incidindo em diferentes dimensões dessa mudança.

A formação proporcionada pelo trabalho não deve ser compreendida apenas como um efeito posterior sobre o sujeito. A formação resultante do trabalho não é um produto secundário ou externo ao fazer prático. Pelo contrário, a dimensão formativa do trabalho está contida no próprio ato transformador, sendo um componente essencial do processo educativo inerente ao trabalho.

Embora consideremos os múltiplos aspectos que envolvem a categoria de práxis em sua dimensão transformadora, este estudo se concentrará na práxis como eixo central de análise, considerando as condições da realidade social aqui examinada. Essa conjuntura será aprofundada ao longo do texto.

Antunes (2009) destaca que, com o surgimento de formas mais complexas da práxis social, a categoria trabalho adquire novos significados e passa a ocupar uma posição central na reprodução do capital. O sistema de metabolismo social do capital emerge com base na divisão social do trabalho, que estabelece a subordinação estrutural do trabalho ao capital. Trata-se de uma configuração historicamente construída, marcada por uma divisão social hierárquica que subsume o trabalho ao capital. Nessa lógica, os seres sociais passam a ser mediados e articulados por uma totalidade social estruturada por um sistema de produção e troca, sustentado por mediações de segunda ordem que se sobrepõem às mediações primárias ou de primeira ordem.

Essa transição de um sistema para outro desencadeou um processo de complexificação das relações de trabalho, o que torna essencial compreender como essas relações se manifestam na atualidade. Segundo Antunes (2009), o conceito de "classe-que-vive-do-trabalho" é a definição mais adequada para entender as relações de trabalho e a classe trabalhadora contemporânea. Essa formulação abrange todos os que vendem sua força de trabalho, tendo como núcleo central os trabalhadores produtivos. No entanto, tal definição não se limita ao trabalho manual direto, abrangendo também a totalidade do trabalho social e coletivo assalariado.

O trabalho produtivo é compreendido como aquele que gera diretamente a mais-valia e contribui para a valorização do capital, desempenhando, assim, um papel central no interior da classe trabalhadora, cujo núcleo é o proletariado industrial. Ainda que o trabalho manual direto seja central, o trabalho produtivo inclui também formas não manuais que igualmente produzem mais-valia. Como afirma Saviani (2003, p. 138): “Um pressuposto dessa concepção é que não existe trabalho manual puro e nem trabalho intelectual puro. Todo trabalho humano envolve a concomitância do exercício dos membros, das mãos, e do exercício mental, intelectual.”

Essa concepção ampliada das relações de trabalho é fundamental para compreender a atual conjuntura, sobretudo ao analisarmos os agricultores camponeses e os trabalhadores da cadeia produtiva leiteira de São Francisco do Brejão. A maioria desses trabalhadores atua em atividades predominantemente manuais, mas também há aqueles inseridos em práticas diversificadas — como os prestadores de serviços que não desempenham funções manuais diretas, e os trabalhadores não assalariados em condições informais. Dessa forma, Antunes reforça que

Pensar então nos proletários ou nos trabalhadores do mundo hoje implica também pensar naqueles que vendem sua força de trabalho em troca de salário, incorporando também o proletariado rural que vende a sua força de trabalho para o capital, os chamados boias-frias das regiões agroindustriais. Esse proletariado rural que vende sua força de trabalho, ele também é parte constitutiva dos trabalhadores hoje, da classe-que-vive-do-trabalho, (Antunes, 2009, p. 197).

Verifica-se que essa conjuntura imposta pelo sistema de metabolismo social do capital condiciona o trabalho a uma situação de alienação<sup>10</sup>. Contudo, é fundamental ressaltar que as relações de trabalho não se limitam a essa condição imposta. Elas também podem ser compreendidas a partir de um processo contraditório, no qual os trabalhadores não estão apenas submetidos à alienação, ao estranhamento e à precarização. Pelo contrário, também protagonizam movimentos de resistência e produção de saberes por meio da práxis.

### **Construção de conhecimento a partir da Práxis**

Este tópico tem como objetivo analisar o processo de construção do conhecimento a partir da práxis no interior da cadeia produtiva do leite, considerando as diferentes formas de trabalho e de organização presentes nesse contexto. A cadeia produtiva do leite encontra-se estruturada em três setores e, para compreender o desenvolvimento da práxis em cada um deles, serão apresentadas as falas de sujeitos que atuam diretamente nesses segmentos. No entanto, conforme indicado anteriormente, não foi possível contemplar o setor de transporte nesta análise, em razão da ausência de entrevistas com trabalhadores vinculados a esse segmento, o que impossibilitou sua abordagem empírica neste estudo.

Conforme já mencionado, a pesquisa envolveu a realização de entrevistas com agricultores camponeses, vinculados às propriedades rurais, e com trabalhadores inseridos nos laticínios. Inicialmente, serão apresentados os relatos dos agricultores camponeses que atuam no setor das fazendas, a partir de duas entrevistas realizadas. Para garantir o anonimato dos participantes, adotou-se uma identificação numérica, denominando-os como Agricultor Camponês 01 e Agricultor Camponês 02.

Na sequência, serão analisadas as três entrevistas realizadas com trabalhadores do setor de laticínios, identificados como Trabalhador de Laticínio 01, Trabalhador de Laticínio 02 e Trabalhador de Laticínio 03. Essa organização busca favorecer a compreensão das especificidades de cada contexto produtivo e de suas contribuições para a formação dos sujeitos por meio da práxis.

---

<sup>10</sup> “Um processo no qual ao mesmo tempo o sujeito é transformado em objeto, o objeto que o sujeito produz, o capital, é transformado no sujeito da sociedade. A objetificação do sujeito implica também a subjetificação do objeto”, (Holloway, 1997 apud Antunes, 2009, p. 132).

## **Agricultores Camponeses**

As entrevistas realizadas no setor das fazendas tiveram início com uma questão voltada à trajetória de chegada dos agricultores camponeses às propriedades onde atualmente residem. A partir dessa indagação, buscou-se compreender o percurso, as condições e os sentidos atribuídos a esse processo. Em sua resposta, o Agricultor Camponês 01 relatou de forma detalhada como se deu essa experiência, destacando os principais desafios, aprendizados e transformações vivenciados ao longo desse percurso:

**Como você chegou na fazenda?** *Aqui, eu vim aqui, tocado em uma vareda com pai e a mãe, com vinte dias de nascido que vim pra cá, que vou fazer quarenta e três anos no dia sete de agosto, aí eu vim aqui era no colo, que eu nasci no Bom lugar, que é dezoito quilômetros daqui pra lá, eles vieram do Bom Lugar, num sabe? Aí eu vim numa vareda, tocado, isso aí tudo era só mato (Agricultor Camponês 01, 2022).*

O Agricultor Camponês 01 relata que chegou à terra onde atualmente reside ainda na infância, acompanhado de seus pais, que se deslocaram de um município próximo para essa área. Ressalta, ainda, que, no momento da chegada, tudo era só mato, indicando que havia um extenso processo de construção e transformação do espaço a ser realizado. Em contraste, o Agricultor Camponês 02 vivenciou uma trajetória distinta em seu processo de estabelecimento na propriedade.

**Quando você chegou nessa fazenda?** *Eu cheguei aqui eu vim deixar um gado aqui para um fazendeiro, dia 10 de outubro de 1996, aí precisou de um vaqueiro aí, aí eu fiquei como ajudante né na época, fiquei e fui ficando, daí comecei a trabalhar nas outras fazendas dele e fui ficando um dia ele me emprestou lá a fazenda e eu fiquei lá uns 5 anos foi de 2000 até 2005 né? E aí enquanto eles... porque eu não tinha conhecimento de negócio de fazenda nem nada...aí quiseram se aventurar nesse negócio de fazenda né e deu certo que até hoje eles tão e tão bem. Nessa fazenda aqui mesmo, bem aqui, pertinho (Agricultor Camponês 02, 2022).*

Diferentemente do Agricultor Camponês 01, o Agricultor Camponês 02 chegou à zona rural de São Francisco do Brejão com o objetivo de inserir-se nas relações de trabalho. Em seu relato, afirma que possuía pouca familiaridade inicial com a lida com o gado, iniciando suas atividades na Fazenda 2 como auxiliar de vaqueiro, com o propósito de aprender as técnicas e rotinas da função. Com o tempo, após adquirir

experiência, passou a ser encaminhado para outras propriedades do mesmo empregador, assumindo, gradativamente, responsabilidades administrativas.

O entrevistado destaca que, naquele período, o processo de adaptação era coletivo, uma vez que as fazendas ainda se encontravam em fase de organização. Assim, sua formação ocorreu de modo articulado à própria estruturação produtiva dessas propriedades.

Cabe destacar, ainda, os recortes temporais da narrativa, situados em um contexto de transformação da atividade agropecuária local, marcado pela chegada de grandes proprietários de terra e pela consolidação de uma lógica empresarial voltada à rentabilidade. Esses processos contribuíram para a reorganização das relações de trabalho no campo, intensificando a subordinação e redefinindo as formas de aprendizagem e de produção do conhecimento no interior da atividade produtiva (Pantoja, 2020).

Na sequência da entrevista com o Agricultor Camponês 01, emergem reflexões que permitem aprofundar a análise sobre as implicações dessas transformações na experiência concreta do trabalho:

**Essa fazenda é de vocês? É, é do meu pai. Quando vocês vieram para ela, ela já pertencia a sua família? Já, quando a gente se entendeu no mundo, já tinha a propriedade. Você já trabalhou de vaqueiro? Quando me entendi no mundo, foi vaqueiro. Sempre tive aquela coisa, sempre tive uma paixão, ainda hoje tenho, mesmo alejado véi, mas quando dá, quando ar dor passa um pouquinho eu me atrepo num cocho, vou perto dun animal. Porque aquilo que você exerce é difícil né, você deixar, largar (Agricultor Camponês 01, 2022).**

Essa trajetória revela o trabalho não apenas como meio de subsistência, mas como dimensão central de sua existência, por meio da qual se constrói enquanto sujeito e se relaciona com a natureza. Nesse sentido, sua experiência concreta dialoga com a compreensão de que o trabalho constitui um processo de mediação entre os seres humanos e o mundo natural, no qual, ao transformar a natureza, o sujeito transforma a si mesmo, conforme expressa Sánchez Vázquez (1977):

O trabalho é, em primeiro lugar, um processo entre a natureza e o homem, processo entre a natureza e o homem, processo qual este realiza, regula e controla sua própria ação, seu intercâmbio de matérias com a natureza. Nesse processo o homem enfrenta como um poder natural a matéria da natureza. E ao mesmo tempo em que desse modo age sobre a natureza exterior a ele e a transforma, transforma sua própria natureza. O homem fica definido assim – essencialmente

– por seu trabalho, por sua práxis produtiva, ou seja, por uma atividade prática que satisfazem suas necessidades como se transforma e, por conseguinte, se produz a si mesmo (Sanchez Vázquez, 1977, p. 429).

É nesse processo de atuação cotidiana sobre a natureza, por meio das atividades desenvolvidas na fazenda, que o Agricultor Camponês 01 se constitui como sujeito. Ao realizar suas tarefas, regula sua própria ação, transforma o meio em que vive e, simultaneamente, transforma a si mesmo, encontrando sentido na continuidade do legado familiar e na afirmação de sua identidade como vaqueiro.

Para o Agricultor Camponês 02, foram encaminhadas as seguintes questões:

**Você sempre trabalhou como vaqueiro?** *Sempre, foi eu trabalhava pra meu pai, nasci e me criei dendi fazenda. E aí meu primeiro emprego meu mesmo foi esse aqui na fazenda. O emprego era formal? É. E como você aprendeu os ofícios de vaqueiro?* *Foi com meu pai, apesar de que ele não mexia muito com gado, o negócio dele era roça, mas foi com ele mesmo. Ele tinha fazenda (terra)? Tinha, tinha* (Agricultor Camponês 02, 2022).

As transformações aqui descritas dizem respeito ao processo de construção de saberes pelos sujeitos que integram a realidade da cadeia produtiva do leite no município em foco. A produção do conhecimento constitui, antes de tudo, uma atividade humana fundamentada no trabalho; entretanto, essa relação nem sempre se estabelece de forma direta, sendo frequentemente atravessada por múltiplas mediações (Lukács, 1978). Nesse sentido, é nas interações cotidianas das famílias que vivem no meio rural, bem como nas relações formais e informais vinculadas à produção leiteira, que se constitui o saber sobre essa prática produtiva.

A materialização desse aprendizado construído na experiência pode ser observada nas tarefas desenvolvidas nas propriedades rurais. Mesmo sem formação acadêmica específica, esses agricultores camponeses elaboram conhecimentos consistentes sobre o manejo do gado, adquiridos por meio da vivência nas fazendas e das experiências laborais. O Agricultor Camponês 01, por exemplo, descreve com detalhes as atividades que realiza diariamente em sua propriedade, evidenciando como esse saber se organiza na prática concreta do trabalho e se manifesta nas rotinas produtivas, conforme se observa em seu relato a seguir.

**Quais são as atividades de um vaqueiro?** *É na área dá fazenda? Isso É campear, é olhar os bichos, salgar um cocho, essas coisas assim que a gente faz, botar um sal. E aí época de vacina você vai pegar vacinar, pega o rebanho todinho vacina, vai embarcar vai pegar*

*aquela boiada que seja pra embarcar, é assim, a rotina, todo dia, mas é todo dia. Não tem um dia de folga? Não. E muito deles ainda pega o cara, a merenda que eles dão, bota pra arrumar uma cerca, é, muitos deles são assim, vai ter que arrumar uma cerca pra eles que eles não querem arrumar um cerqueiro, é assim, pra não ficar parado também. Durante sua trajetória como vaqueiro, você acha que alguma coisa mudou? Se vocês têm algum auxílio? Não, está do mesmo jeito. Vocês tiram o leite com as mãos? É, ahã, porque hoje já existe um aparelho. Mas aqui é tudo na mão mesmo. As mãos tão tudo pra estufar os coisas aqui, vou operar, mas tem dia que eu tiro 150 litro (Agricultor Camponês 01, 2022).*

A experiência do Agricultor Camponês 02 evidencia, de forma concreta, a dinâmica apontada por Lukács (1978), segundo a qual o trabalho se constitui como dimensão central da práxis humana e da produção do conhecimento. Por meio de sua atuação cotidiana, constrói saberes sobre o manejo do gado, a organização da produção e as rotinas de trabalho. Contudo, esse processo ocorre em condições marcadas pela intensificação das atividades, pela ampliação das responsabilidades e pelo desgaste físico, como revelam as dores decorrentes da ordenha manual e da ausência de períodos regulares de descanso. Desse modo, a produção de conhecimento se realiza em meio às determinações do capital, que precarizam as condições de trabalho e subordinam a experiência do trabalhador às exigências da rentabilidade. Assim, a práxis do agricultor se constitui atravessada por contradições, nas quais a formação humana convive com processos de precarização e exploração.

Essa dinâmica também é descrita pelo Agricultor Camponês 02:

*Rotina de um vaqueiro? A rotina é de todo dia, por exemplo, nós que mexia só na fazenda mesmo de mexer com boi de manhã cedo levantava pegava o animal e ia pra manga tangir o gado né e ver se tinha algum com bicheira né e conferir cocho de sal pra ver se tá sem, como é que tá, e mexe no sal que as vezes chega lá e o sal tá duro né e tem que mexer, verificar como é que tá. Normalmente o vaqueiro se liga mais em corrigir o gado né e cerca pra vê se num tem alguma perna de arrame quebrada né pro gado não sair e conferir como é que tá o estado do gado só. E para tirar o leite? Quando tirava o leite aqui eu me acordava aqui as 05 horas as vez 06 horas num tinha muito um horário certo né porque agora aqui o povo vem pegar mais tarde o leite né. No tempo que eu tirei leite aqui (Agricultor Camponês 02, 2022).*

A rotina descrita pelo agricultor, organizada em função dos horários de coleta do laticínio, expressa de forma concreta a unidade entre práxis, socialidade e historicidade, conforme formulado por Sánchez Vázquez (1977). O início das atividades nas primeiras horas do dia e a subordinação do ritmo de trabalho às exigências da cadeia produtiva revelam que a ação humana não se constitui de

maneira abstrata ou imutável, mas é produzida nas condições históricas específicas em que se realiza. Nessa perspectiva, o trabalho do vaqueiro evidencia que a essência humana não preexiste às relações sociais, mas se constrói no interior delas, sendo permanentemente transformada pelas mediações econômicas, institucionais e produtivas. Assim, o relato confirma que a práxis, ao mesmo tempo em que responde às demandas do capital, constitui-se como espaço de formação humana e de produção histórica dos sujeitos.

As falas dos agricultores camponeses evidenciam a centralidade da práxis na construção dos saberes relacionados à produção leiteira. Tanto o Agricultor Camponês 01 quanto o Agricultor Camponês 02 adquiriram seus conhecimentos a partir da convivência familiar e da inserção progressiva nas atividades laborais, aprofundando sua aprendizagem nas experiências vividas nas propriedades rurais onde atuaram. Essas trajetórias, marcadas por processos semelhantes de formação pelo trabalho, refletem a realidade vivida por essa classe no município em questão e expressam a presença do princípio educativo do trabalho, conforme formulado por Sousa Júnior (2021).

Nessa perspectiva, a práxis configura-se como um espaço fundamental de produção de saberes, ainda que não seja a única forma de construção do conhecimento. Os sujeitos desta pesquisa, frequentemente invisibilizados e associados à ausência de escolarização formal, desenvolvem conhecimentos consistentes por meio de suas práticas cotidianas, inseridas em contextos sociais e históricos específicos. Assim, esses trabalhadores não apenas garantem a produção de alimentos, mas também preservam saberes, culturas e formas de resistência próprias do campesinato.

### **Trabalhadores de Laticínio**

Foram realizadas três entrevistas com Trabalhadores de Laticínio. Para garantir a clareza e a organização das falas, seus relatos serão apresentados separadamente: inicialmente o do Trabalhador de Laticínio 01, em seguida o do Trabalhador de Laticínio 02 e, por fim, o do Trabalhador de Laticínio 03.

A conversa com o Trabalhador de Laticínio 01 iniciou-se a partir de uma questão sobre sua inserção na cadeia produtiva do leite. Ele relatou que começou a

atuar no setor em função da demanda por mão de obra da fábrica onde trabalha e que, no início, possuía pouco conhecimento sobre os procedimentos de beneficiamento do leite, chegando a afirmar, de forma bem-humorada, que nem sabia o que era leite. Com o apoio dos colegas, foi aprendendo gradualmente as atividades. Atualmente, ocupa o cargo de chefe de produção, função que exige atenção à qualidade do produto final, bem como a coordenação e supervisão da equipe.

**Como você começou a trabalhar na produção leiteira?** *Eu comecei em 2017, no meio do ano, no dia 13, aí tava precisando de gente, pra me trabalhar, comecei a trabalhar com os meninos aí, aí comecei a pedir pra eles me ajudar que se um hora se precisar...aí eles foram me explicando como que usava o leite como que botava o produto, como era que coalhava e dava ponto na massa o cozinhamento aí foi todos os dias eles me ensinava...todos os dias...até que eu virei onde eu tô hoje. **E qual é a sua função hoje?** Chefe de produção...**O que é que faz um chefe de produção?** Um chefe de produção ele tem que dá conta de queijo...fazer o queijo...dá o ponto da massa mexer com o leite todin pra o queijo sair do jeito que tá...entendeu? aí tem dá tomar de conta da turma...é...são 10 pessoas ali dentro...aí tem que tomar de conta da turma e da produção. **E tu aprendeu a fazer queijo aqui?** Foi...eu comecei aqui...eu nunca...nem sabia o que era leite. **Mas você é daqui do Brejão?** Sou...**Nasceu e foi criado aqui?** Foi...**Mas teve o primeiro contato aqui?** Foi... (Trabalhador de Laticínio 01, 2022).*

O depoimento do Trabalhador de Laticínio 01 evidencia que a aprendizagem se constrói no interior das relações cotidianas de trabalho, por meio da convivência, da troca de experiências e da prática compartilhada. Esse processo formativo, desenvolvido fora das instituições escolares, confirma que o ambiente produtivo também se constitui como espaço educativo. Nessa perspectiva, a experiência relatada dialoga com a compreensão de Gramsci (1999), ao indicar que a formação humana não se restringe à escola, mas ocorre nas múltiplas relações sociais, nas quais os sujeitos elaboram concepções de mundo, ampliam seus conhecimentos e participam de processos coletivos de construção intelectual. Além disso, ao destacar a importância do contato entre diferentes sujeitos no processo educativo, o autor evidencia que a elevação cultural das massas depende da circulação dos saberes e da participação ativa nos espaços sociais. Desse modo, o aprendizado no laticínio expressa uma dimensão pedagógica vinculada às relações de hegemonia, nas quais se disputam valores, saberes e formas de interpretar a realidade.

Na sequência, questionei sobre o processo de fabricação do queijo, que, segundo o entrevistado, é extenso e envolve várias etapas. Inicialmente, o leite chega

ao laticínio e passa por análises para verificar possíveis adulterações e os níveis de acidez. Em seguida, é encaminhado ao pasteurizador, onde ocorre a eliminação de bactérias, passando depois para o tanque de resfriamento e para as demais fases do beneficiamento. O entrevistado informou ainda que são produzidos queijo muçarela, queijo coalho e requeijão, sendo que cada linha de produção possui um responsável específico.

**Você pode me explicar como que é procedimento pra fazer o queijo?** *Pode .mas custa um pouco. Primeiro o leite chega...aí tem o um que puxa o leite pra dentro... aí tem que analisar o leite pra vê se nesse leite tem água...se tá bom na acidez é 15 com... 18 a acidez boa aí pasteurizador...passa pelo processo que ele passa pelo pasteurizador numa temperatura de 75 graus pra matar as bactérias do leite...aí de lá ele entra pra dentro do tanque...coloca os produtos aí tem o cloreto...tem o fermento...o fermento preparado...aí quando tiver enchendo aí a pessoa tira a acidez de novo pra vê se o leite tá bom...aí bota o coalho...o coalho é quando o leite tá caindo tá cheio aí a gente bota num lito aí mexe ele durante 5 minuto ou 4 até ele dá o ponto...até ele virar aquela coalhada, entendeu?... aí a gente corta de novo o soro sobe...aí demora um pouco pra coalhada baixar...aí puxa o soro de novo...aí tem um vapor que a gente abre no vapor...tem um tempo de cozinhar que é 25 minutos a 30 dependendo da acidez do leite...aí cozinha 30 minutos...aí dá o ponto da massa vê se a massa tá boa pra fazer o queijo. **E esse processo demora quanto tempo?** Só um dia. Aí no outro dia utiliza a máquina que faz o queijo...bota água nela, a temperatura de 65 graus, 68 aí quando tiver nessa temperatura que botar a massa que preparou um dia antes pra poder fazer o queijo. **Vocês fazem só queijo?** Queijo e queijo coalho...ali dentro... aí tem o requeijão que já não é minha área. **Então cada área tem uma pessoa responsável?** Hum rum (Trabalhador de Laticínio 01, 2022).*

O relato do Trabalhador de Laticínio 01 evidencia o domínio técnico que desenvolveu sobre as etapas da produção do queijo, expresso no uso de uma linguagem especializada e na descrição precisa dos procedimentos de análise da matéria-prima, da pasteurização, do uso de insumos químicos e dos equipamentos industriais. Esse saber, construído no interior do processo produtivo, pode ser compreendido, a partir de Lukács (1978), como expressão do caráter consciente do trabalho, entendido como um ato orientado por finalidades e sustentado pelo conhecimento dos meios necessários à sua realização. Nesse sentido, a atuação do trabalhador revela que sua prática não se reduz à execução mecânica de tarefas, mas envolve planejamento, controle e compreensão dos processos produtivos. Assim, confirma-se que os processos formativos se constituem de modo distinto conforme o

contexto de trabalho, sendo a aprendizagem resultado direto das exigências técnicas e organizacionais da atividade desempenhada.

Segundo o Trabalhador de Laticínio 01, seus colegas, com mais de doze anos de experiência, contribuíram diretamente para sua formação e são responsáveis por uma produção diária superior a mil unidades de queijo, distribuídas para diferentes regiões do Brasil.

**Quem te ensinou eram pessoas mais velhas?** *Era sim...tinha 12 anos treze anos que mexia com queijo, eles me ensinaram.* **Vocês produzem quantas barras por dia?** *Mil barras por dia, mil e cem.* **Vocês exportam para quais Estados?** *Brasil todo...Ceará, Brasília, São Luís...pro Maranhão todinho* (Trabalhador de Laticínio 01, 2022).

Os relatos dos Trabalhadores de Laticínio evidenciam as contradições presentes na práxis, marcada simultaneamente por precarização, exploração e processos formativos. Mais do que simples formas de resistência, essas experiências revelam práticas que tensionam a lógica do capital e expressam possibilidades de enfrentamento no interior da atividade laboral, configurando, conforme indica Gramsci (1999), uma dimensão pedagógica inscrita nas relações sociais e produtivas. Nessa perspectiva, o autor compreende que toda relação de hegemonia envolve um processo educativo, por meio do qual se formam concepções de mundo, valores e modos de interpretar a realidade. Assim, o espaço de trabalho torna-se também um campo de disputas, no qual os trabalhadores elaboram formas próprias de compreensão e posicionamento. Nesse sentido, as falas do Trabalhador de Laticínio 01 e do Trabalhador de Laticínio 02 demonstram que, mesmo diante de rotinas exaustivas, da inserção precoce no trabalho e da ausência, em muitos casos, de garantias legais, o espaço produtivo permanece como lugar de aprendizagem, elaboração crítica e construção de saberes.

**Quando você começou a trabalhar no laticínio?** *Eu tinha 17 anos, eu vim tirar uma diária... aí passei uma semana...aí passei um mês depois...aí fui chamado pra trabalhar novamente. Aí eu passei oito meses...aí eu sai...passei um ano trabalhando em outro laticínio...depois retornei pra cá de novo e tô dois anos.* **E como tu começou a trabalhar na produção leiteira, onde você aprendeu o ofício?** *Em Açailândia...num laticínio. Com o chefe.* **Mas você é de São F. Do Brejão?** *Sou...nascido aqui* (Trabalhador de Laticínio 02, 2022).

O Trabalhador de Laticínio 02 teve seu primeiro contato com a produção leiteira aos dezessete anos, ao auxiliar na fabricação de queijo. Essa experiência inicial possibilitou a aprendizagem dos primeiros conhecimentos sobre a atividade e contribuiu para sua inserção no setor. Segundo seu relato, foi seu antigo chefe, proprietário de um laticínio em Açailândia, quem lhe ensinou os fundamentos do ofício. Embora seja natural de São Francisco do Brejão, o trabalhador também construiu parte de sua trajetória profissional fora do município.

Essa trajetória confirma a reflexão de Sánchez Vázquez (1977), ao destacar que, em Marx, a essência dos seres humanos se constitui na práxis, entendida como atividade produtiva concreta, historicamente situada. O conhecimento do trabalhador foi construído na prática cotidiana, a partir de sua inserção direta no processo produtivo e nas relações de trabalho.

Ao ser questionado sobre os procedimentos de fabricação, o trabalhador não especificou o tipo de queijo produzido, mencionando apenas, de forma geral, o processo da muçarela, considerado por ele mais complexo. A ausência de detalhamento técnico indica que seu saber está incorporado à prática, sendo produzido no próprio exercício do trabalho.

Assim, suas falas evidenciam que a aprendizagem ocorreu no interior da atividade laboral, reafirmando a centralidade da práxis na construção do conhecimento.

**Como que é o processo para fazer o queijo?** O tipo de queijo de queijo muçarela? **Vocês fazem dois tipos né, muçarela e o coalho?** O muçarela é mais complicado, vai da qualidade do leite e da pasteurização do leite aí e se ele tiver numa qualidade boa que é acidez boa...aí pasteurização vem boa aí a massa vem boa consequentemente o queijo também vai sair muito bom. **Alguém da sua família já trabalhou na produção leiteira?** Já...mais foi pouco tempo (Trabalhador de Laticínio 02, 2022).

Reitera-se a importância de valorizar os múltiplos espaços educativos, especialmente aqueles que também se constituem como espaços de resistência e afirmação de classe. Conforme destaca Sousa Junior (2021), educadores críticos de orientação marxista reconheceram, em determinado momento, a fábrica como um espaço legítimo de formação, em oposição à centralidade exclusiva da escola. Nesse sentido, torna-se necessário refletir sobre o aprofundamento do processo formativo dos trabalhadores dos laticínios, considerando as novas exigências produtivas e a

intensificação de normas e regulamentos. Contudo, essa formação não deve reforçar a lógica do capital, mas contribuir para a valorização do trabalho e para a melhoria das condições laborais.

A última entrevista foi realizada com o Trabalhador de Laticínio 03, que iniciou sua trajetória na fábrica com um contrato de três meses e, posteriormente, foi reconvocato. Atualmente, aos vinte anos, atua principalmente no setor de embalagem das barras de queijo, colaborando também nas áreas de expedição e produção. Segundo seu relato, sua rotina é marcada pela realização de múltiplas funções, iniciando o expediente com a limpeza do espaço e circulando, ao longo do dia, entre diferentes setores.

**Quando você começou a trabalhar no laticínio?** *Rapaz...eu tinha três meses aí...fui dá uma volta por aí...aí voltei de novo. E você aprendeu fazer queijo aonde?* *Aqui nesse laticínio. E quantos anos você tem?* *Eu tenho 20 ano só. Como que é a rotina de vocês?* *Eu chego aqui 05:15...05:20 esse horário. E começa a peleja a lavação...que eu não sei explicar. E você trabalha em qual área?* *Na embalagem e pra ajudar os outros. Quais são os setores dentro da fábrica de laticínio?* *Setor da embalagem...aí tem expedição e produção. Eu fico rodando nesses setores, o que precisar eu ajudo* (Trabalhador de Laticínio 03, 2022).

Observa-se que os trabalhadores entrevistados compartilham uma característica comum, todos se encontram em fase inicial no processo de beneficiamento do leite, ainda em processo de aprendizagem e adaptação às práticas produtivas. Diferentemente dos trabalhadores mais experientes, que em sua maioria tiveram origem em antigas queijeiras vinculadas às fazendas e a modos tradicionais de produção, esses trabalhadores mais jovens não provêm diretamente da agricultura camponesa. No entanto, essa ausência de vínculo com práticas agrícolas tradicionais não impede a construção de conhecimentos por meio da práxis.

Nesse sentido, não se trata apenas de reconhecer determinados espaços como educativos, mas de compreender as estruturas sociais mais amplas nas quais esses sujeitos estão inseridos. O elemento central desses processos é a vivência concreta da vida social, pois os ambientes adquirem sentido a partir da ação dos sujeitos. É por meio da práxis que esses espaços se constituem como formativos.

Como destaca Lukács (1978), ao delimitar materialmente a passagem do ser orgânico ao ser social, a consciência assume papel decisivo nesse processo,

constituindo-se na relação ativa com a realidade. Assim, a práxis não apenas possibilita a aprendizagem técnica, mas também a formação dos sujeitos.

Desse modo, é importante reafirmar que a capacidade de transformação humana e social não se restringe aos espaços analisados neste estudo. O potencial educativo está intrinsecamente ligado à práxis, manifestando-se em diferentes contextos, como fábricas, escolas e fazendas. Onde há práxis, há também possibilidade de formação e transformação.

É nesse – e somente nesse – sentido que fábrica e escola, assim como quaisquer outros espaços da vida social semelhantes, configuram-se como educativos. Não é porque são estruturas sociais constituídas pela vida humana; eles são educativos por serem espaços em que, de maneira própria, certas práxis se realizam sendo determinantes para a formação humana. Em qualquer espaço que seja e esteja o dado fundamental da formação humana, não o de lugar *de per si*, (Sousa Junior, 2021, p. 436).

É fundamental reconhecer a importância de espaços historicamente marginalizados, como o meio rural brasileiro, enquanto territórios de resistência e produção de saberes construídos na vivência cotidiana do trabalho. Ainda que esses saberes não sejam formulados em linguagem acadêmica, são produzidos por meio da experiência, da prática e da luta, devendo ser valorizados como formas legítimas de conhecimento.

No encerramento da entrevista com o Trabalhador de Laticínio 03, questionei sobre os procedimentos de fabricação do queijo, mas ele afirmou não poder fornecer detalhes, por não atuar diretamente nessa etapa, embora circule por diferentes setores da fábrica.

Cabe destacar, ainda, a ausência dos trabalhadores mais experientes nas entrevistas. Eles justificaram a recusa alegando falta de tempo, mas foi possível perceber certa resistência em participar da pesquisa. As entrevistas foram realizadas dentro da fábrica, mediante autorização da proprietária, que disponibilizou sua sala e indicou apenas o chefe de produção como participante. Foi necessário, portanto, entrar nos espaços de trabalho para convidar outros trabalhadores, que, em sua maioria, encaminharam apenas os mais jovens.

Mesmo com a sugestão de realização das entrevistas em outros locais, não houve concordância. Essa situação evidencia as dificuldades de realização de pesquisas em contextos marcados por relações hierárquicas e por insegurança

laboral. A mediação da fábrica limitou o acesso aos trabalhadores e, mesmo fora desse espaço, muitos demonstram receio de participar, por medo de serem identificados e de sofrerem represálias, incluindo a perda do emprego.

### **A Construção do Conhecimento a partir da Práxis: Reflexões e Percepções**

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho evidenciou que a construção do conhecimento na cadeia produtiva do leite ocorre fundamentalmente por meio da práxis, entendida como atividade histórica, social e concreta. Tanto entre os agricultores camponeses quanto entre os trabalhadores dos laticínios, os saberes são produzidos a partir da experiência cotidiana, da convivência coletiva e da inserção progressiva no trabalho. Esses processos formativos confirmam o trabalho como um princípio educativo, conforme destaca Sousa Júnior (2021), ao reconhecer os espaços produtivos como territórios legítimos de formação humana.

Os dados demonstraram, ainda, que a práxis se realiza em condições marcadas por contradições, nas quais os processos de alienação coexistem com a produção de conhecimentos. No interior das relações capitalistas, o trabalho tende a ser subordinado à lógica da troca e da rentabilidade, limitando as possibilidades de realização humana. Contudo, mesmo nesse contexto, os trabalhadores constroem saberes e desenvolvem aprendizagens a partir de sua prática cotidiana, evidenciando, como aponta Gramsci (1999), a dimensão pedagógica presente em toda relação social.

Conforme indicado pelas reflexões de Lukács (1978), a práxis não se reduz à reprodução passiva das determinações sociais, mas se constitui como espaço de tensão entre necessidade objetiva, finalidade consciente e decisão individual. Mesmo condicionados pelas estruturas econômicas e institucionais, os sujeitos mantêm certa capacidade de elaboração e intervenção, o que permite compreender o trabalho como fundamento ontológico da formação humana e da consciência social.

Desse modo, a práxis na cadeia produtiva do leite expressa, simultaneamente, processos de alienação, precarização e produção de saberes. Nessa perspectiva, os espaços de trabalho, embora marcados por contradições, também se configuram como campos de formação, resistência e construção de perspectivas

transformadoras, fundamentais para a valorização do trabalho e para a constituição crítica do ser social.

## Referências

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

BARATA-MOURA, J. **Ideologia e prática**. Lisboa: Caminho, 1978.

BRASIL. **Instrução normativa nº 51, de 18 de setembro de 2002**. Comissão Técnica Consultiva Permanente, com vistas à avaliação das ações voltadas para a melhoria da qualidade do leite no Brasil. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2002.

BRASIL. **Instrução normativa nº 62, de 18 de dezembro de 2011**. Comissão Técnica Consultiva Permanente, com vistas à avaliação das ações voltadas para a melhoria da qualidade do leite no Brasil. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2011.

CARNEIRO, J. **A inserção camponesa na cadeia produtiva do leite na microrregião de Imperatriz/MA: entre a autonomia e a subordinação**. 2022. 242f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – UFMA, São Luís.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Dados estatísticos (2004–2020)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 2. ed., 6. reimpr. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

LUKÁCS, G. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. *Temas de Ciências Humanas*, São Paulo, n. 4, p. 1–18, 1978.

MACEDO, R. **Etnopesquisa crítica/etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro, 2010.

MINAYO, M. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 2. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

NETO, E.; CARNEIRO, M. Dois mundos em disputa: a regulamentação sanitária oficial e as interações entre a convenção doméstica e a convenção industrial na cadeia produtiva do leite no Maranhão. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 18, n. 43, set./dez. 2019.

PANTOJA, V. Manoel da Conceição Santos: corpo-política-conhecimento, religião e resistência camponesa no Maranhão. **Religare**, v. 17, n. 2, dez. 2020.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, A. **Filosofia da práxis**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SAVIANI, D. O choque teórico da politecnia. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 131–152, 2003.

SILVA, P.; SOUZA, P.; FREIRE, F. Observação como técnica de pesquisa qualitativa: panorama em periódicos brasileiros. **Revista Ciências Sociais em Perspectiva**, v. 22, n. 42, 1º sem. 2023.

SOUSA JUNIOR, J. **Práxis, ontologia e formação humana**. 1. ed. [S.l.]: [s.n.], 2021.

SOUSA, J. “**Capital do leite**”: as relações de trabalho na cadeia produtiva leiteira de São Francisco do Brejão/MA. 2019. 78f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Humanas/Sociologia) – UFMA, Imperatriz.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Tradução de Maria Encarnación Moya. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2007.